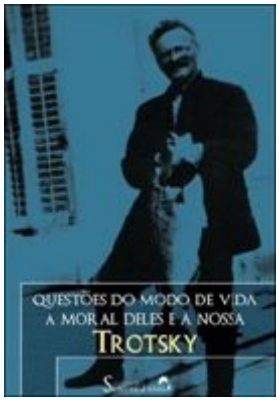
Revista Espaço Acadêmico - Nº 106 - Março de 2010
ANO IX - ISSN 1519-6186

Resenha:
TROTSKY, Leon. 2009. **Questões do modo de vida/ A moral deles e a nossa**. São Paulo: Sunderman, 112p.

Algumas considerações sobre a vida cotidiana e a moral

Deni Ireneu Alfaro Rubbo*



Chega ao público brasileiro mais um livro de Leon Trotsky, editado pela Sunderman, que vem mostrando um vivo interesse pela republicação de alguns textos do marxismo clássico. Trata-se aqui substancialmente de dois textos que dão título à obra: *Questões do modo de vida*, redigido em 1923, e *A moral deles e a nossa*[1], de 1938. Anteriormente, houve uma edição brasileira somente do segundo texto, pela editora Paz e Terra, em 1969; já em Portugal ambos os títulos foram publicados através da editora Antídoto, em 1979. As duas edições encontram-se esgotadas. A nova edição também traz uma tradução mais cuidadosa em relação às anteriores, tornando a leitura do público mais clara.

As análises de ordem político-econômica e de ordem estratégica e tática assumem, sem dúvida, a maior parte do conjunto da obra de Trotsky e o leitor que está acostumado a isso terá uma surpresa, pois nas páginas seguintes o tema que leva a cabo o autor possui uma centralidade em outro canto da vida social do homem: a vida cotidiana e a moral. Isso não significa dizer que esse deslocamento o qual atende mais aos apetites da cultura venha enfraquecer a dimensão política. Para Trotsky, assim para como Lênin, "transferir nossa atenção do domínio político para o cultural é um conselho político" (p. 10).

As atividades sociais para efetuar as metamorfoses na vida cotidiana

Desse modo, primeiramente, sua atenção volta-se em especial para as metamorfoses da vida cotidiana com o objetivo de apurar uma criação coletiva de um modo de vida e, também, com o pressuposto segundo o qual a aparição de um modo de vida de tipo novo não deve separar-se de um desenho mais geral da sociedade, isto é, do projeto de construção do socialismo. Para o autor, a unidade social do proletariado russo não significa necessariamente homogeneidade; antes, trata-se de uma classe cuja fonte é inesgotável em sua diversidade, entre as quais níveis culturais, hábitos de vida e tradições que nela se encontram e aumentam a complexidade e a dificuldade do assunto.

[1] O livro é acrescido de mais dois pequenos textos: um é praticamente o desdobramento do texto sobre a moral que procura esclarecer alguns equívocos, particularmente pelas análises desenvolvidas por Souvarine discípulo direto de Victor Serge; e o outro é o testamento de Trotsky escrito no ano de sua morte, 1940.

Uma das condições fundamentais para dialética é que para fazer o novo é preciso do velho, ainda mais quando o modo de vida elabora-se "nas costas das pessoas", na expressão de Marx. Consciente disso, Trotsky alimenta-se da história moderna, aquela imprimida pela Filosofia das Luzes, cuja nova sociedade assentava-se no ideário da razão e na propriedade privada e que, mesmo sob avanços indiscutíveis, transformou o modo de vida das pessoas até então centrado no fetichismo do mercado. Podemos ver isso, por exemplo, nos poemas do Baudelaire, mas não em sua filosofia. Na Rússia, os novos costumes iluministas foram quase nulos, na medida em que os aspectos da vida cotidiana não foram fundamentalmente alterados.

Trotsky em 1936, escrevendo para britânico *The Militant,* aos 56 anos de idade. Fonte: www.marxists.org

Assim, bem-entendido, enriquecer a vida cotidiana soviética também possui uma característica pedagógica, segundo o então comissariado do povo. É com base nisso que se atém ao tema da construção de um jornal que contemple uma melhor compreensão ao público. Daí o motivo em sublinhar a importância da clareza dos informativos, de uma melhor expressão das cartas geográficas, sem contar dos cuidados referentes às abreviaturas e siglas. Além disso, assevera que o jornalista "não deve partir de seu ponto de vista, mas sim do leitor" para que, com isso, leve "o leitor a tirar para si próprio as conclusões necessárias" (p. 22). Não se trata de um método cujo objetivo é uma suposta neutralidade axiológica, o interesse é despertar o leitor aos acontecimentos e para que isso aconteça compreender precede a opinião. Do mesmo modo acontece com o cinema. Este, igualmente, pode servir-se de um instrumento à educação. O autor considera o cinema uma "fonte inesgotável de impressões e sensações" e que poderia muito bem ser fonte de uma educação coletiva crítica, "sem [os] constrangimentos ou dirigismo inoportunos".

Os outros dois pontos matizados pelo autor são sobre a família e os rituais que o homem passa em sua vida cotidiana. A primeira consiste em "estabelecer a igualdade efetiva do homem e da mulher" e com isso reside em transformar todo o modo de vida social e cotidiano dessa relação. Na segunda, Trotsky fala da existência de três rituais pelos quais o homem passa: o nascimento, o casamento e a morte. Todos eles se manifestam através de gestos e de "encantamento mágico" com cada uma dessas passagens. Porém, em sua maioria os rituais são supervisionados pela Igreja fazendo com que fiquem presos às amarras teológicas. Os rituais são bem-vindos para Trotsky, desde que eles sejam feitos pelos homens em sua relação, dentre outras tantas, com a natureza. Parte do modo de vida, "a necessidade [do homem] de exprimir os próprios sentimentos é uma necessidade poderosa e legítima" (p. 49) e é demonstrada pela teatralidade de um ritual profano.

A moral

A moral deles e a nossa constitui um pequeno folheto redigido por Trotsky já

no exílio. Sua intenção é compreender a moral não do ponto de vista da filosofia especulativa mas, antes, do ponto de vista dialético. Em outras palavras: uma moralidade histórica concreta é um produto do desenvolvimento social que, por sua vez, serve para interesses sociais contraditórios mudando, em certa medida, a própria concepção de verdade e mentira que nascem das contradições sociais. Ele dirige-se especialmente às críticas de várias tendências – dos liberais aos anarquistas –, sobre as quais salientam o princípio de que "os fins justificam os meios" concluindo, assim, um "amoralismo" dos bolcheviques. Por exemplo, sobre a questão de captura e fuzilação de reféns. Seria este um ato imoral? Como aquele que se diz marxista revolucionário pode, enfim, fuzilar? Daí então a justificativa em igualar fascismo e comunismo, trotskismo e stalinismo, bolchevismo e czarismo. Trotsky reconhece que em certos momentos essas tendências podem utilizar meios similares por uma simples razão: quando se está em um estado de guerra civil os meios são mais ou menos "simétricos" de ambas as partes. "Os governos mais 'humanos', que em tempos pacíficos detestam a guerra, proclamam durante a guerra que o maior dever de seus exércitos é o extermínio do maior número possível de pessoas" (p. 66). Ele inverte os papéis da suposta crítica humanitária asseverada pelos liberais: "Todo burguês honesto aplaude a astúcia da polícia que consegue, através de enganos, pegar um perigoso gângster. E a astúcia da guerra não seria permitida quando se trata de derrubar os gângsteres do imperialismo?" (p. 85).

Com efeito, a problematização dos meios e fins não é estável. Sua interdependência dialética faz com que para cada situação específica eles troquem permanentemente de lugar. Nesse sentido, Trotsky afirma, portanto, que a moral assenta-se em uma situação particular que se funde irremediavelmente na ação tática e estratégica por meio da experiência vivida pelo movimento. Não se trata de uma justificativa das ações terroristas individuais, sendo que esta tática não substitui as massas e seu movimento.

Pois bem: neste pequeno livro é possível verificar que o marxismo não é apenas uma análise política e econômica da vida social, porque o homem não vive só de economia e de política. Trotsky, à sua maneira, reconhece que é dever do marxismo mergulhar na análise de todos os campos da consciência social sabendo que muito deles não se desenvolvem simultaneamente. Muitos desses temas, por exemplo, foi desenvolvido com melhor precisão pelo assim chamado "marxismo ocidental", tal como a sociologia da vida cotidiana de Henri Lefebvre e/ou os tratados éticos e morais de Georg Lukács. No entanto, o que faz esses textos serem de vivo interesse nos dias de hoje não é seu teor científico, mas é o itinerário da atividade política desse personagem que coloca hipóteses prévias em cada contexto particular, desses temas não desenvolvidos de modo sistêmico, fazendo com que esteja aberto a complementações e aprimoramentos perpétuos

* **DENI IRENEU ALFARO RUBBO** é mestrando em m Sociologia pela FFLCH-USP.